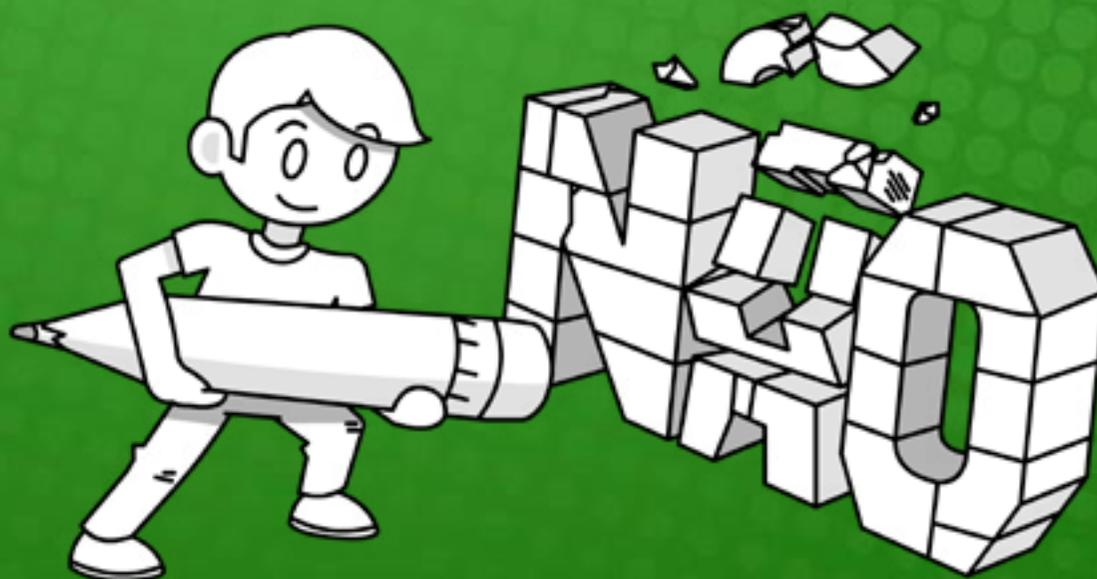


Elis Regina Pôncio
Andréa Poletto Sonza

Educação, Ensino e Psicologia: compromisso com o social

**Conscientização pela derrubada de BARREIRAS
ATITUDINAIS contra pessoas com deficiência nas
instituições de Ensino:**

E se fosse com você?



Um livro ... muitas possibilidades!

Produto Educacional de Mestrado Profissional em Educação
Profissional e Tecnológica – ProfEPT / IFRS Campus Porto
Alegre/ RS

2019



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul
Campus Porto Alegre

Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação – Proppi

Produto Educacional: Vinculado à linha “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica - EPT”, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Porto Alegre

Organização: Psicóloga Elis Regina Pôncio – Mestranda IFRS – Campus Porto Alegre

Orientação: Profa Dra Andréa Poletto Souza – IFRS – Campus Bento Gonçalves

Validação: Banca examinadora: Profa Dra Ana Sara Castaman - IFRS – Campus Sertão e Profa Dra Débora Conforto - Rede Marista - PUC/RS

Ilustração: Livia Coimbra e Ricardo Ferraz

Diagramação: Livia Coimbra

Revisão ortográfica: Gessy Tavares – Licenciada em LETRAS – Português e Francês (Registro no MEC sob nº 73916)

Colaboradores: Da pesquisa e da avaliação do PE: pessoas com e sem deficiência de diferentes instituições de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul - alunos e servidores (docentes e técnicos)

Agradecimento especial: Ao Cartunista Ricardo Ferraz (pela autorização do uso de seus cartuns nesta obra). À Interprete de Libras do IFRS - Campus Feliz Suelen Bordin (pela tradução do vídeo de apresentação). Aos servidores técnicos do IFRS - Campus Bento Gonçalves Anderson Dall' Agnol (pela testagem da acessibilidade deste produto), Lael Nervis (pela edição do vídeo de apresentação) e Ricardo Sampaio (pela filmagem da apresentação do e-book)

PÔNCIO, E. R.; SONZA, A. P. **Conscientização pela derrubada de barreiras atitudinais contra pessoas com deficiência nas instituições de ensino: e se fosse com você?** Educação, Ensino e Psicologia: compromisso com o social. Produto Educacional de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT / IFRS. Campus Porto Alegre/ RS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P795a Pôncio, Elis Regina
Conscientização pela derrubada de barreiras atitudinais contra pessoas com deficiências nas instituições de ensino: e se fosse com você? Elis Regina Pôncio; coautora: Andréa Poletto Sonza– Porto Alegre, 2019.

ISBN: 978-65-86734-27-0
Recurso Digital: Formato [e-book]

Produto Educacional (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT. Porto Alegre, 2020. Coautora: Profª Drª. Andréa Poletto Sonza

1. Acessibilidade. 2. Educação inclusiva. 3. Educação Profissional e Tecnológica. I. Sonza, Andréa Poletto. II. Título

CDU: 376

Elaborado por: Filipe Xerxeneski da Silveira. CRB10/1497.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	4
APRESENTAÇÃO	9
Capítulo 1 - É a sociedade que exclui: a deficiência está na sociedade e não na pessoa.....	16
Capítulo 2 - Inclusão social e acessibilidade: todo tipo de barreira contra as pessoas com deficiência está antes, alicerçado por uma barreira atitudinal.....	26
Capítulo 3 - A instituição de Ensino como instância de inclusão social: podemos admitir uma Educação que não seja inclusiva?	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
EXERCÍCIOS	49
REFERÊNCIAS	53

PRÓLOGO

Olá queridos (as) leitores (as)!

Pelo imediatismo da era em que vivemos e pela falta de paciência que muitos têm em escutar ou ler histórias longas é que, rapidinho, contarei minha história de vida e de superação.

Para começar, eu tinha um nome, eu tenho um nome, mas na escola, esse nome pouco importava para os coleguinhas... Dei-me conta disso quando começaram a me dar apelidos... “Biolha, Caolha e Vesga”. O apelido que eu mais achava absurdo de ouvir era: “Quatro Olho”.

Doía ser estigmatizada, mas ao mesmo tempo em que sentia tristeza, também achava engraçado, porque eu, sequer, usava óculos. Daí eu pensava: Que burros! O certo seria “Quatro olhos”, e não, “Quatro olho”... kkkkkk! Rir disso era a minha “vingancinha”, mas o constante deboche, a discriminação, a exclusão, logo apagavam o meu sorriso; e eu voltava a me sentir constrangida, diminuída. Eram crianças como eu, como podiam ser tão perversas?

Nesse período escolar, época do Ensino Fundamental, meus colegas me rechaçavam abertamente, dizendo que não queriam brincar comigo. Não tendo com quem brincar na hora

do recreio, me isolava na biblioteca, e lá eu "devorava" livros e mais livros infantis. Ao lembrar essa parte, boas recordações vêm à minha mente, pois vivi ótimas aventuras literárias e ousei sonhar... eu não sabia, mas ler bastante, um dia também iria me ajudar!

Quando a adolescência chegou, como qualquer garota, eu queria sair, ter amigos e me divertir. Só que nessa fase também fui zoadada, menosprezada, deixada de lado por aquele (a) s que eu considerava amigo (a) s.

Ouvi coisas do tipo: "você não vai sair com a gente, que rapaz vai querer se aproximar de nós, se estivermos com uma 'deficiente'"?

Você, certamente, gostaria de me perguntar: - "Então não teve nada de bom na sua adolescência"?

Sim, teve! Obrigatoriamente isolada, o que poderia ter sido "encarado" como solidão, na verdade, foi vivenciado como viagem a um mundo interior. E, nessa fase segui com as prazerosas aventuras literárias, dessa vez, por meio de literatura romântica e policial.

Passada a adolescência veio a fase de adulto jovem, e a necessidade de buscar um trabalho para ajudar nas despesas da família. Lá fui eu procurar emprego, muito tímida e insegura, portanto, de cabeça baixa e ombros caídos. Vez ou outra me achava inteligente e capaz, mas daí recebia um bom "balde de

água fria", geralmente já ali mesmo, na recepção das empresas. Essa "água fria" vinha por meio de frases do tipo: "no momento não temos nenhuma vaga que se encaixe no teu perfil", "qualquer coisa, te ligamos", etc.

Nessas horas, eu sentia uma sensação de fracasso. E, me perguntava: "quem é que vai querer contratar uma 'deficiente'?"

Sei que "nem tudo foram flores", mas sei que adquiri maior consciência do meu valor como cidadã; construí uma família, amizades respeitadas e uma carreira profissional. Por isso, hoje conto minha história de superação a quem deseja conhecê-la, porque acredito ser importante ir sempre além; mais do que apenas falar do meu sofrimento psíquico (por causa da rejeição e exclusão social) é importante para mim compartilhar o que eu fiz com esse sofrimento, ou seja, como "vivi" as experiências a partir dele.

O que fiz então?!

Em vez de me colocar no "papel" de vítima, procurei ressignificar minhas vivências, de forma a poder compartilhá-las; transformando-as em aprendizado e, conseqüentemente, em ensino-aprendizagem, ou seja, em "troca de conhecimento" com o "outro". Sendo assim, venho aprendendo e refletindo sobre muitas coisas, dentre elas: penso que só entende, de verdade, como as atitudes discriminatórias literalmente doem, quem as vive

ou viveu na própria "carne"! Penso também, que o mais perto que uma pessoa pode chegar desse entendimento, talvez seja por meio da EMPATIA e do exercício da alteridade.

Para mim, o mais importante é ter aprendido que EU NÃO SOU A MINHA DEFICIÊNCIA.

Hoje tenho entendimento de que SOU UMA PESSOA INTEIRA, mesmo tendo adquirido uma limitação orgânica/de funcionalidade em um dos órgãos do meu corpo.

E quanto à questão social, hoje, sei que não é a deficiência que define quem sou na sociedade, mas sim, a consciência adquirida por meio de autoconhecimento, informação, educação e conscientização de que SOU uma CIDADÃ, plena de direitos e deveres!

A Psicologia ajudou-me a ter este entendimento, mas antes disso, tive a "sorte" de também encontrar na minha caminhada estudantil educadores conscientes da singularidade de cada ser, independentemente de suas características. Esses profissionais me apoiaram e me trataram com respeito, buscando salientar minhas potencialidades.

Dessa forma, hoje reconheço que tenho capacidades, habilidades, "poderes e querereres"! Sei que posso inspirar pessoas a também trilharem um caminho de autoconhecimento.

Esse é um pouco do meu aprendizado, da minha caminhada e da minha autonomia, superando não só as limitações orgânicas, mas também as impostas pela sociedade.

E a sua?

Qual é a sua caminhada, qual é o seu olhar sobre as barreiras atitudinais contra pessoas com deficiência nas instituições de Ensino e na sociedade em si?

APRESENTAÇÃO

Conscientização pela derrubada de barreiras atitudinais contra pessoas com deficiência nas instituições de Ensino: E se fosse com você?

Com a pretensão de oferecermos um e-book dinâmico, interativo e mais acessível, utilizamos a tecnologia de **QR Codes** para direcionar você leitor (a) para vídeos públicos, que ilustram as questões aqui abordadas.

Também convidamos você a interagir conosco em nosso Blog, cujo **QR Code** será informado mais adiante neste livro.

E informamos que os cartuns no interior do livro foram descritos por meio do comando "ALT" (texto alternativo), trazendo assim acessibilidade a usuários de leitores de tela (a exemplo pessoas com deficiência visual ou surdocegueira).

Um livro... muitas possibilidades!

Para apresentação resumida e oral desta obra acesse o **QR Code** a seguir, ao centro:



Vídeo com janela em Libras

Este livro digital (e-book) trata-se de um Produto Educacional (PE), resultado de pesquisa de mestrado, ligada à linha de pesquisa “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)”. Faz parte do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Porto Alegre.

Tal programa pertence à área de Ensino e é reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação (MEC).

A pesquisa versou sobre o tema “acessibilidade atitudinal e barreiras atitudinais contra pessoas com deficiência nas instituições de Ensino, pautado no paradigma da Educação

Inclusiva". Teve como objeto empírico – estudo de caso - uma instituição pública de Educação Profissional e Tecnológica especificamente os *campi* Bento Gonçalves e Osório, do IFRS. E contou com 15 participantes, sendo esses alunos, docentes e técnicos (pessoas com e sem deficiência).

Acessando o **QR Code** a seguir, ao centro, poderás conhecer o programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT):



Composição e proposição do e-book:

O que não é este e-book?

Não é um livro didático com a apresentação de conteúdos formais.

Então, o que é este e-book?

É um material educativo alternativoⁱⁱ, que traz em seu bojo um tema que não faz parte dos conteúdos curriculares e normativos, mas de relevância social e educacional inquestionável.

O que se pretende?

Refletir sobre as inacessibilidades decorrentes de barreiras atitudinais contra as pessoas com deficiência na sociedade, no contexto da Educação Inclusiva. Sugerir questionamentos que permitam sensibilização acerca do tema abordado e os subtemas que, naturalmente, a ele se associam. Trazer, ainda, orientação e informações necessárias a uma maior consciência da sociedade sobre os prejuízos causados pelas atitudes discriminatórias e, conseqüentemente, a não observância dos direitos das PcD.

Apresentamos ao longo desta obra, falas dos participantes da pesquisa, referentes às suas percepções acerca das dimensões da acessibilidade e conseqüentes barreiras, especificamente as atitudinais.

Por motivo de anonimato os participantes serão nomeados conforme segue no quadro de legendas:

Participantes	Legenda
Aluno	A
Aluno e Técnico	AT
Docente	D
Técnico	T

Fonte: elaborado pela autora

Este livro está dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo abordamos a relação entre a pessoa com deficiência e a sociedade, essa com suas limitações e suas inacessibilidades, na perspectiva de Vygotsky (1997).

No segundo capítulo trazemos a questão da inclusão social (a essencial e a eletiva) na sociedade, a qual tem reflexo nas instituições de Ensino, na perspectiva de David Rodrigues (2006); das dimensões da acessibilidade, na perspectiva de Sasaki (2014) e as conseqüentes barreiras advindas daí, dentre elas a atitudinal.

No capítulo 3, intitulado “A instituição de Ensino como instância de inclusão social: podemos admitir uma Educação que não seja inclusiva? ” Provocamos reflexões sobre o paradigma da Educação Inclusiva e as velhas práticas pedagógicas, por vezes “excludentes”, na perspectiva de Rodrigues (2006). Outra

provocação para reflexão é sobre a “Educação do futuro”, baseada nas “cinco utopias”, também de Rodrigues (2014).

Para quem é este material?

Para educadores e técnicos interessados nas questões da Educação Inclusiva, no sentido de ampliar o debate em seu formato mais amplo, o da Inclusão Social, para que esses profissionais, ao discutirem sobre o conceito de barreiras atitudinais, possam informar, educar e ensinar as pessoas, conscientizando-as sobre a necessidade de se combater todo e qualquer tipo de discriminação contra as pessoas com deficiência.

E o papel da Psicologia, neste estudo, é o de promover aproximações com a Educação e o Ensino, em um diálogo voltado para o compromisso social. Tal diálogo acontece, na medida em que problematizamos o tema abordado; não fornecendo respostas, mas instigando o (a) leitor (a) a se perguntar “por que (s)?” E, a melhor perceber as relações entre o “eu” e o “outro/alteridade”.

Quer saber qual a importância da alteridade na Educação?

Acesse o **QR Code** a seguir, ao centro e assista ao vídeo do Professor Schurster (2018):



Uma pessoa, ao questionar-se sobre o porquê de algo, do que está posto, constituído socialmente, tem a oportunidade de se sensibilizar, e de se aproximar da conquista de uma consciência mais expandida.

A expansão de consciência abre o entendimento para o fato de que, nas inter-relações, o que importa é que há outros seres, para além do “eu”, de “mim”, de “nós”, com características e diferenças que é preciso respeitar.

Para Skliar (2006) o problema não está em saber quais são as diferenças, ou qual é a melhor definição de diferenças, mas em como inventamos e reinventamos, cotidianamente, aos outros “diferentes” uma alteridade “diferente”.

CAPÍTULO 1

É a sociedade que exclui: a deficiência está na sociedade e não na pessoa

O primeiro questionamento que advém deste título nos leva à reflexão sobre:

Que relação é essa que se estabelece entre a sociedade e a pessoa com deficiência?

A teoria histórico-cultural ou sociocultural do psiquismo humano de Vygotsky, também conhecida como abordagem sociointeracionista postula que o homem é cultural, construtor da sua cultura e que ao transformar a si transforma o mundo/ambiente/sociedade.

A interação entre o homem e o ambiente se dá por meio da influência de um sobre o outro, sendo esse o fator que permite o desenvolvimento humano de uma forma integral, em sua totalidade. E, dessa forma, Vygotsky não estava preocupado em apenas saber como ocorre a cognição humana. Ele buscava compreender como ocorre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, por meio dos processos de pensamento,

de linguagem, de memória e de atenção, nessa interação existente entre o homem e o meio onde está inserido.

Quer conhecer um pouco da teoria de Vygotsky e sua aplicação na Educação e no Ensino, contada pela coordenadora do curso de pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Edna Martins?

É só acessar o **QR Code** a seguir, ao centro e assistir ao vídeo:

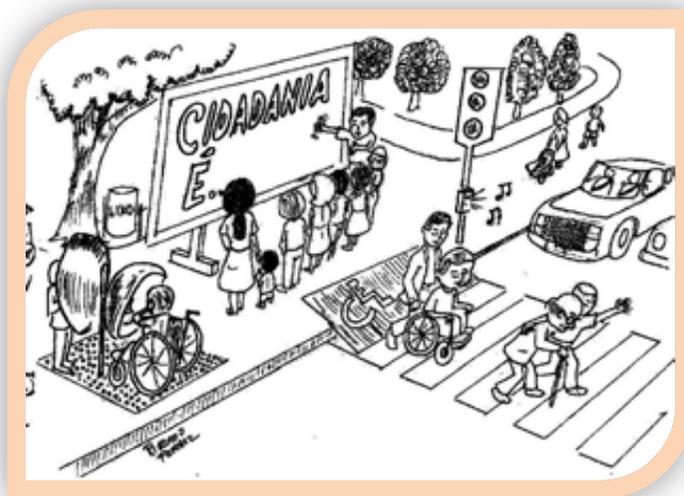


Figura 1: Cartum sobre cidadania

Fonte: Cartunista Ricardo Ferraz

A seguir destacamos a fala de um participante da pesquisa:

AT (PcD): [...] tudo começa com as pessoas, nós temos um mundo feito para as pessoas, então de nada adianta ter recursos tecnológicos e tudo o mais e tu não começar com as pessoas.

Quando a interação social não acontece, se pode dizer que há aí uma “deficiência” social, uma ruptura social - o meio rejeita o ser humano dando origem ao fenômeno da exclusão. É dessa forma que o desenvolvimento humano adequado não se realiza, e a pessoa deixa de ser vista socialmente como um “ser humano”. Assim, passa a ser vista como um ser pejorativamente “diferente” - coisificado, estigmatizado, excluído (VYGOTSKY, 1997).

A fala a seguir corrobora com a teoria sociocultural de Vygotsky e explicita a rejeição social que as PcD enfrentam:

AT (PcD): [...] é também uma questão de educação e de cultura - daí eu pergunto: até que ponto, “somos educados”, para ter sensibilidade com outro ser humano? De pensar... ela é uma pessoa como eu, independentemente de sua deficiência.

A sociedade atual pressupõe liberdade e igualdade de direitos, mas será que está mais fácil a convivência entre os “diferentes”?

Quer saber como estão essas relações, acesse o **QR Code** a seguir, ao centro, e assista ao vídeo da médica Izabel Maior falando sobre deficiência e diferenças:



Figura 2: Cartum sobre o preconceito

Fonte: Cartunista Ricardo Ferraz

Nos contextos em que uma pessoa com deficiência é vista como “diferente”, pelo motivo de possuir alguma característica específica, o preconceito aparece e pode se manifestar como “recusa em interagir”.

A fala a seguir nos demonstra essa recusa:

T (PcD): [...] encontrei uma colega do ensino médio, no primeiro dia de aula na faculdade. Pedi ajuda a ela para subir uma escada. Ela disse: hoje eu te ajudo com o maior prazer, mas eu não vou poder te ajudar sempre, porque agora, a gente está na faculdade e vai ficar “chato” para mim se os garotos me virem te ajudando sempre [...].

Ilustra-se a questão do preconceito dentro dos espaços educativos, dentre outros exemplos, com as seguintes falas:

AT (PcD): [...] para mim, um preconceito aqui dentro da faculdade é tu ter um pré-conceito de que aquela pessoa é incapacitada, antes que ela possa te provar o contrário;

T (PcD): [...] o atendimento tem que ser igual para todos, então, nada de exageros, tanto para baixo, quanto para cima. Esses exageros causam desproporcionalidades e isso é preconceito;

T: [...] eu gostaria de colocar que a principal barreira atitudinal dentro da Educação é o preconceito em si [...].

- Sociedade, tu que insistes em impor-nos tuas velhas práticas exclusivistas - será que quem precisa, primeiramente, reconhecer-se em suas atitudes e deficiências, e ser reabilitada, não és tu mesma?!
- Por que as sociedades se constituem numa perspectiva, por vezes, com atitudes de exclusão dos diferentes?

Você sabe o que é “ATITUDE”?

De acordo com Rodrigues, Assmar e Jablonsk (2009) “atitude” é um sistema relativamente estável de organização das experiências e comportamentos relacionados com determinado objeto (indivíduo) ou evento particular, portanto, se formam durante o processo de socialização. Pode-se dizer, então, que atitudes são sentimentos pró ou contra pessoas e coisas com quem entramos em contato.

Acesse o **QR Code** no início da próxima página, ao centro, e conheça um pouco mais sobre o que seja “Atitude”. E sobre os três componentes que a compõe, na perspectiva teórica de Rodrigues, Assmar e Jablonsk (2009):



Evidenciamos a seguir, duas falas referentes a atitudes positivas e negativas das pessoas, em relação às PcD:

T (PcD): [...] a atitude negativa contamina a PcD e ela pensa que realmente é incapaz;

AT: [...] quando a atitude é positiva, você vê que a vida não se restringe à deficiência.

Como estão os teus pensamentos e as tuas atitudes frente às pessoas com deficiência?



Figura 3: Cartum sobre atitudes com as PcD

Fonte: Cartunista Ricardo Ferraz

Você sabia que, dependendo da atitude, ela pode ser discriminatória?

Atitudes discriminatórias acontecem em todos os segmentos da sociedade. E não seria diferente dentro das instituições de Ensino, por exemplo:

- Tem docente e servidor que discriminam estudantes com deficiência;
- Estudante que discrimina colega com deficiência;
- E ainda, estudante com deficiência que discrimina outro colega com deficiência e também se autodiscrimina. Nesse caso, tende a se autoexcluir e se anular. Geralmente essa pessoa se torna passiva diante dos processos acadêmicos e do convívio estudantil - no pior dos resultados, evade da instituição.

Por que pessoas discriminam pessoas?

Por que classificar alguém como “superior” ou “inferior”?

T (PcD): [...] tem também o preconceito daquela pessoa que diz claramente: eu não gosto de estar perto dessa pessoa - eu não suporto olhar para essa pessoa com esse “defeito”... bem, a opção que essa pessoa tem é a de se afastar, então; fora isso, dependendo do que ela fizer pode até se configurar em “**crime de discriminação**”.

Considera-se discriminação, segundo a Lei Brasileira de Inclusão – Estatuto da pessoa com deficiência (LBI - Lei 13.146, de 06/07/2015), em razão da deficiência:

Toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência [...] (BRASIL, 2015, p. 3).

No Art. 88 desta mesma Lei - dos crimes e das infrações administrativas, está disposto que casos de discriminação, que ferem os direitos da pessoa com deficiência, devem ser levados à justiça.

Conheça a LBI acessando o **QR Code** a seguir, ao centro:



No que concerne exatamente à Educação, referimos que a Educação se torna inclusiva, na medida em que, na instituição de Ensino, as pessoas apresentam atitudes positivas. E que, quando as atitudes são negativas surgem as barreiras atitudinais, sobre as quais falaremos no capítulo a seguir. Portanto, já adiantamos a ideia de que as barreiras que impõem desafios e limitações às PcD são alicerçadas por barreiras atitudinais, porque essas são produzidas pela sociedade, que opera em uma dinâmica social, por vezes, de rejeição das PcD.

CAPÍTULO 2

Inclusão social e acessibilidade: todo tipo de barreira contra as pessoas com deficiência está antes, alicerçado por uma barreira atitudinal

Vamos falar de acessibilidade?

A acessibilidade, de acordo com o art. 53 da Lei 13.146 – Lei Brasileira de Inclusão – Estatuto da Pessoa com Deficiência “é direito que garante à pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social” (BRASIL, 2015, p. 13).

No contexto da Educação, os docentes precisam ter a noção da necessidade de se desenvolver aulas acessíveis, mas também a instituição precisa oferecer as demais acessibilidades a contento:

P: [...] eu – professor, preciso ter a consciência de que as minhas aulas precisam ser acessíveis.

Segundo o especialista em inclusão Sasaki (2014, p. 4-6), atualmente existem sete Dimensões da Acessibilidade?

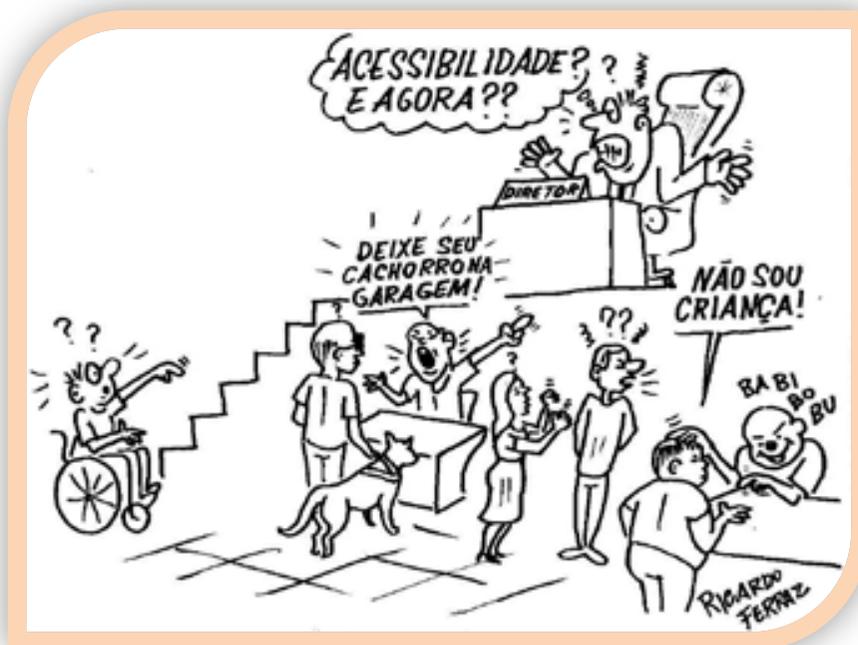


Figura 4: Cartum sobre acessibilidade

Fonte: Cartunista Ricardo Ferraz

Arquitetônica: sem barreiras físicas construídas no interior e no entorno de [...] escolas em geral, de órgãos públicos e nos meios de transportes coletivos particulares ou públicos [...];

Comunicacional: sem barreiras na comunicação interpessoal, adequação às sinalizações de locais (em atenção às pessoas cegas ou com baixa visão) e contratação de intérpretes da língua de sinais [...] junto às IEs, para dar suporte em sala de aula, bem como, em outros eventos educacionais, tanto para educadores como para alunos surdos [acréscimo nosso];

Programática: Sem barreiras invisíveis existentes nos decretos, leis, regulamentos, normas, políticas públicas e outras peças escritas;

Metodológica: Sem barreiras nos métodos, teorias e técnicas de estudo, de trabalho, etc., [...] com novas metodologias na execução de serviços; instruções baseadas nas inteligências múltiplas; uso de todos os estilos de aprendizagem; novos conceitos de aprendizagem e de avaliação de conhecimentos e habilidades [...];

Instrumental: Sem barreiras nos instrumentos, ferramentas e utensílios de estudo, de trabalho [...];

Natural: Sem barreiras nos espaços criados pela natureza e existentes em terras de propriedade pública ou particular;

Atitudinal: Sem barreiras culturais (preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações nos comportamentos da sociedade para com as PcD), como resultado de programas e práticas de sensibilização e de conscientização dos trabalhadores em geral e da convivência na diversidade humana nos mais diversos locais de atividade humana. (SASSAKI, 2014, p. 4-6).

Como podemos ver, a acessibilidade atitudinal só existe na ausência de Barreiras Atitudinais.

O que são barreiras atitudinais?

Referem-se a atitudes ou comportamentos que impedem ou prejudicam a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2015, p. 3):

T (PcD): [...] a atitude de não tomar nenhuma atitude, de se omitir pode ser uma forma de negligência e conseqüente barreira atitudinal. Somos muito traídos pelos nossos sentidos e conceitos;

AT (PcD): [...] as barreiras atitudinais referem-se às nossas ações, atitudes que, consciente ou inconscientemente, são excludentes.

As barreiras atitudinais são práticas comuns nos espaços que se dizem inclusivos. Para Skliar (2006) vivenciamos a presença reiterada de uma inclusão excludente, onde se cria a ilusão de espaços inclusivos, mas que na verdade, nessas espacialidades, se exerce mesmo é a expulsão dos "diferentes" (anormais):

P3: [...] as atitudes, as posturas das pessoas impõem barreiras que dificultam, pioram as relações, a comunicação com as PcD, impedindo, muitas vezes, a inclusão acontecer de forma plena.

Você acha que atitudes cidadãos podem anular barreiras atitudinais?

O **CR Code** a seguir, ao centro, te direcionará para o vídeo “Da invisibilidade à Cidadania: os caminhos da pessoa com deficiência”, que te ajudará a responder a esta questão:



Vídeo com janela em Libras

As pessoas com deficiência é que precisam dizer o que e como devem ser as coisas dentro de uma sociedade para que ela se torne inclusiva. Leis e políticas de inclusão sem a participação das PcD de nada adiantam.

Vamos falar de inclusão social?

A inclusão social, é o processo pelo qual a sociedade se adapta, para poder incluir em seus sistemas sociais gerais, pessoas

com necessidades “especiais”ⁱⁱⁱ; e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

A inclusão social constitui um processo bilateral, no qual, pessoas ainda excluídas e a sociedade buscam, em parcerias, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (SASSAKI, 1997, p. 3).



Figura 5: Cartum sobre a diversidade humana

Fonte: Cartunista Ricardo Ferraz

Segundo Rodrigues (2006, p. 11) é importante distinguir duas “dimensões de inclusão”, a inclusão essencial e a inclusão eletiva:

A dimensão essencial está diretamente ligada aos direitos humanos e justiça social, ao ser a dimensão que assegura a todas as pessoas, sem exceção, o acesso e a participação "sem discriminação", a todos os níveis e serviços existentes na sociedade.

A dimensão eletiva assegura que as pessoas, independentemente de sua condição, têm o direito de se relacionar e interagir com os grupos sociais que bem entenderem, em função dos seus interesses; de transitarem por diferentes grupos, em vez de permanecerem em grupos fixos, pré-estabelecidos pelo "preconceito social" - se tens uma deficiência, teu grupo é dos "deficientes".

Fechamos este capítulo dizendo que a pessoa com deficiência tem o direito de optar pela recusa da inclusão que lhe é "benevolentemente" oferecida.

CAPÍTULO 3

A instituição de Ensino como instância de inclusão social: podemos admitir uma Educação que não seja inclusiva?

Iniciamos este capítulo com a citação a seguir, para colocar em debate a Educação inclusiva:

A educação inclusiva não é uma cosmética da educação tradicional, nem uma simples estratégia de melhoria da escola: constitui a promoção da formulação da educação em novas bases que rejeitem a exclusão e promovam uma educação diversa e de qualidade para todos os alunos (RODRIGUES, 2006, p.13).

Segundo Rodrigues (2006), os governos nacionais com seus programas de Educação inclusiva, rapidamente difundidos, consideram ser esse modelo de Educação, “uma primeira e talvez decisiva intervenção preventiva da exclusão social” (RODRIGUES, 2006, p.12).

No entanto, essa consideração não é um consenso. Ainda que se debrucem a discutir sobre o mesmo objeto, há muitas opiniões divergentes, contraditórias e até

radicais. Isso porque a Educação inclusiva contesta os fundamentos da escola tradicional.



Figura 6: Cartum sobre inclusão social

Fonte: Cartunista Ricardo Ferraz

A possibilidade de questionar o que está constituído é o que pode promover alguma mudança, e assim combater essa ameaça tão grave ao desenvolvimento das sociedades (a exclusão, em suas diferentes formas de manifestação). Ainda que, segundo Magalhães e Stoer (2006, p. 67) “não seja possível separar os processos de inclusão social, promovidos pela escola, dos processos de exclusão, que também nela têm origem”.

A fala a seguir evidencia os processos de exclusão existentes no meio acadêmico:

AT (PcD): [...] eu já fiquei nervoso quando alguns colegas riram da minha dificuldade com a tarefa da aula. Quando fui conversar com a professora sobre o que aconteceu, ela disse que “eu” tinha que me adaptar, pedir ajuda. Será que só eu tenho que me adaptar ou a instituição (colegas, professores, todos) também tem que dar um passo a mais, para ser mais inclusiva?

Acesse o **CR Code** a seguir, ao centro, e conheça o especialista em inclusão, Romeu Sasaki, falando sobre Educação Inclusiva:



Somos todos feitos de diferenças: e não devemos e nem podemos querer acabar com elas ou domesticá-las, mas conhecê-las.

Para Vygotsky (1997) conhecer algo é perceber seus significados e sentidos e dar-lhe novos contornos. E ainda,

de acordo com esse autor (1997), os olhares limitantes sobre as pessoas com deficiência podem mudar para melhor, para que se tornem olhares destituídos de preconceito. Segundo esse autor, o materialismo histórico dialético é o que melhor possibilita as bases para uma concepção de homem com deficiência que rompa com as tradicionais compreensões fatalistas e deterministas, que veem na deficiência apenas limites e impossibilidades.

Ilustramos a seguir, por meio de três falas, os olhares limitantes sobre as PcD:

T (PcD): [...] ouço coisas do tipo - "... não! Você não pode... você não tem condições... deixa que eu faça por você".

T (PcD): [...] como é que alguém vai me dizer, além de mim, o quanto a minha deficiência é limitadora ou não, sem me deixar mostrar do que sou capaz?

AT (PcD): [...] lembro-me de uma aula, que após o professor distribuir a atividade para todos, ele ficou me olhando com uma cara de: "como é que tu vais fazer, se tu não consegues enxergar direito o que está no papel?" Daí eu comecei a perceber que "parece que tu és mesmo um imprestável"; e a impressão é a de que os colegas também percebem assim.

Olhe para dentro de si e questione-se!

- Que tipo de contribuição eu estou disposto (a) a dar para a concretização de uma “Educação e de um Ensino” com maior acessibilidade?
- Como posso eu, do lugar do “mestre”, exercitar a alteridade com o meu “aluno”?
- Preciso eu, ter na minha família ou na minha sala de aula, uma pessoa com deficiência para só então me dispor a buscar conhecimento e preparação para as situações adversas advindas daí?
- Como posso ser um profissional mais solidário e consciente de que eu sou parte de um todo que implora por mudanças?

A: [...] perguntas que um professor deve se fazer: como posso verdadeiramente contribuir para o melhor aprendizado do meu aluno? Será que consigo sair da minha zona de conforto? Alterar minha rotina e encarar as minhas próprias dificuldades?

Segundo Skliar (2006, p. 32) se as formações para docentes continuarem na lógica de discursos racionais acerca do “outro”, sem a experiência que é do (s) outro (s), o cenário da Educação permanecerá obscuro e as pessoas com deficiência seguirão sendo pensadas como “anormais”, que precisam ser controlados por aquilo que “parecem ser” e, dessa forma, eternamente corrigidos.



Figura 7: Cartum sobre exclusão das PcD em sala de aula

Fonte: Cartunista Ricardo Ferraz

A seguir apontamos a fala de um docente sobre barreiras atitudinais, formação dos professores e formação humana:

P: [...] desconhecimento gera preconceito. Uma das maneiras de minimizar as barreiras atitudinais nas instituições é promover palestras aos estudantes e cursos de formação aos professores e demais profissionais que atuam nas escolas, sobre deficiência e inclusão. Além disso, a formação humana deveria ser trabalhada enquanto componente curricular dentro dos cursos, inclusive nos superiores, desenvolvendo valores como empatia, respeito, solidariedade [...].

De acordo com Skliar (2006, p. 32), as formações atuais ainda se valem de uma pedagogia excludente, que conserva os mesmos textos e as mesmas estratégias de ensino-aprendizagem, numa lógica de estereotipar, traduzir e fixar a alteridade; que define o outro como incompleto, insuficiente, que deve ser corrigido, mas que é incorrigível.

Realçamos, a seguir, a fala de outro docente, o qual concorda que é preciso ampliar o debate sobre as barreiras atitudinais:

P: [...] penso que é preciso ampliar e aprofundar o debate sobre Educação Inclusiva abrangendo toda a comunidade acadêmica, não somente docentes e discentes, mas também com os técnicos; não somente nas turmas com estudantes com necessidades especiais; não somente nas licenciaturas, mas em todos os cursos. Quanto mais o assunto for abordado de forma franca e aberta, explicitando as barreiras atitudinais, que muitas vezes nem percebemos que carregamos, mais os estudantes e docentes conseguirão tratar das situações com maior naturalidade, podendo inclusive romper com muitas das barreiras atitudinais.

Não precisamos nem de discursos técnicos, racionalizados, nem de velhas pedagogias. Precisamos de um discurso racional sobre a surdez, por exemplo, para nos relacionarmos com os surdos?

A: [...] eu diria aos professores que se preparem em linhas gerais e que aguardem a chegada do aluno com deficiência para verem com ele, com outros professores e com a família como poderão lhe ajudar. Os desafios são para todos.



Figura 8: Cartum sobre o despreparo do docente

Fonte: Cartunista Ricardo Ferraz

Para Rodrigues (2014) a Educação contemporânea é uma “utopia” da ideia de escola criada no século XIX e ele chama a atenção para dois aspectos dessa utopia: que a Educação prometeu ser universal e gratuita e não cumpriu; e que prometeu igualdade de oportunidades para todos e não cumpriu.

O autor afirma que a Educação não cumpriu o que prometeu porque não é nem universal e nem gratuita, mas também porque a igualdade de oportunidades não se avalia por aquilo que se dá, mas por aquilo que se recebe.

Diz ainda que não adianta dar a todas as pessoas o mesmo, se se sabe que as pessoas não têm a mesma capacidade para receber, para absorver, para usar, para utilizar, para integrar aquilo que lhes é dado. A igualdade de oportunidades não é do lado que se dá, mas do lado que se recebe.

Rodrigues (2014), nessa mesma palestra, faz referência às “cinco utopias” necessárias para que se pense utopicamente a Educação do futuro. Para esse autor, a Educação está rodeada de utopias, as quais não são ruins, são reais. São elas que nos fazem caminhar, avançar e vislumbrar um futuro melhor para quem estuda, para quem ministra a aula, e para quem gerencia.

Vamos pensar utopicamente a Educação? Acesse o **CR Code** a seguir, ao centro, e assista a agradável e instigante palestra de David Rodrigues, pesquisador referência na área da Educação Inclusiva:



A utilização dos cartuns neste livro foi autorizada pelo seu criador, um dos maiores cartunistas do Brasil - Ricardo Ferraz. Foi, segundo ele mesmo conta, o primeiro cartunista brasileiro a abordar, de forma crítica e humorada, a realidade das pessoas com deficiência.

Quer conhecer sua trajetória profissional e história de vida como pessoa com deficiência e ativista dos direitos das PcD? Acesse o **QR Code** a seguir, ao centro:



Vídeo com legendas

Compartilhando Experiências!

A possibilidade de uma pessoa se expressar num grupo lhe faz perceber e sentir que não está só - que suas experiências, seus desafios, limites e perspectivas podem

ser comunicados, partilhados e podem ajudar outras pessoas:

T (PcD): [...] precisamos trocar experiências, poder conhecer outras histórias... e saber que o outro também pensa, sente e vive coisas parecidas com as minhas.

E lembramos que, segundo Sasaki (2007) na essência do lema “NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS” está presente o conceito de participação plena das pessoas com deficiência. Por melhores que sejam as intenções das pessoas sem deficiência, dos órgãos públicos, das empresas, das instituições sociais ou da sociedade em geral, as PcD não mais aceitam receber resultados forjados à sua revelia.



Figura 9: Cartum sobre lema das PcD

Fonte: Cartunista Ricardo Ferraz

Vamos pensar juntos?

- Que outras possibilidades e estratégias pedagógicas são possíveis, dadas as limitações do meio e as habilidades de cada PcD?
- Como podemos tornar acessíveis os materiais didáticos, para aqueles que necessitam de materiais adaptados, por meio de recursos de Tecnologia Assistiva?
- Como as atividades sociais podem se tornar inclusivas?

Para refletirmos sobre as questões referentes à Educação Inclusiva e, ainda, sobre outros temas que envolvam os direitos das PcD, convidamos todas as pessoas, dentre essas, as próprias PcD, para compartilharem suas experiências, dificuldades e desafios, acessando nosso Blog, por meio do **QR Code** a seguir, ao centro:



Por fim, também convidamos você a acessar o **QR Code** a seguir, ao centro, que te direcionará para o vídeo da intérprete Laís Benedetto - NEaD da Unesp.

Nesse vídeo Laís ensina um pouco da Língua Brasileira de Sinais (Libras):



Vídeo com janela em Libras

Considerações Finais

Muitos são os passos a serem dados para que se construa um caminho onde a Educação seja pensada, por exemplo, com base nas utopias de Rodrigues (2014), onde não exista mais a perversa divisão “inclusão/exclusão”.

Talvez, a título de considerações finais desta obra, possamos acrescentar uma sexta utopia, ou complementar a primeira das cinco, dizendo que um dos principais passos no caminho da verdadeira inclusão é o de nos relacionarmos com nossas próprias diferenças, nossas próprias estranhezas e a partir dessas.

Assim, desejamos que este livro possa cumprir com o seu papel de ferramenta de COMUNICAÇÃO para:

- SENSIBILIZAÇÃO;
- CONSCIENTIZAÇÃO e
- EDUCAÇÃO acerca de nossa responsabilidade com o exercício da cidadania e da alteridade, pois que essa sociedade da qual reclamamos é constituída por cada um de nós. Então, somos todos e cada um, responsáveis pelas atitudes que a constituem, enquanto um “ente social”.

E...

Sendo todos nós “um”, ainda que individuados, não tem que ser nossas diferenças o que deve importar dentro ou fora dos espaços de Ensino. Portanto, trata-se aqui, não de um querer de “igualdade”, mas de “equidade” - de que as pessoas com deficiência possam sustentar suas diferenças nos ambientes acadêmicos e na sociedade.

Pessoas com deficiência podem aprender sim, cada uma no seu tempo e do seu modo! Acesse o **QR Code** a seguir, ao centro, e assista ao documentário “Borboletas de Zagorsk”. Dessa forma, entenderás melhor esta afirmação.



Exercícios

Os exercícios aqui propostos são mais uma forma, nesta obra, de a Psicologia dialogar com a Educação, a partir do momento em que sugere aos (às) educadores (as) trabalhar a alteridade como forma de melhor compreender as “diferenças”.

Estes exercícios podem ser utilizados em atividades ministradas a distância, como presenciais.

Título proposto:

Derrubando BARREIRAS ATITUDINAIS contra pessoas com deficiência por meio do exercício da alteridade.

Temas a serem abordados:

Acessibilidade atitudinal e barreiras atitudinais nos espaços de Ensino.

Subtemas: Dimensões da acessibilidade; atitudes discriminatórias contra PcD e alteridade.

Por ser um tema abrangente e possível de ser desdobrado em subtemas, pode-se realizar uma contextualização introdutória (sugere-se a leitura prévia do presente livro e a visualização dos vídeos nele contidos, por meio dos QR Codes).

No contexto de atividades na modalidade de Ensino a distância:

1. Identificar e descrever duas situações diferentes, percebidas como barreiras atitudinais, as quais ferem os direitos de pessoas com deficiência no cotidiano do contexto acadêmico.
2. Exercitando a **ALTERIDADE**: Após identificar e descrever as duas situações, falar também de como se sentiram em relação às situações, se foram vivenciadas ou testemunhadas.

Quando somente testemunhada, uma pergunta estímulo a se fazer pode ser: **E se fosse com você, como se sentiria?** – Vale ressaltar que PcD, muitas vezes, tendem a se autodiscriminar, se autorrejeitar por conta do preconceito sofrido.

3. Dar um ou mais exemplos de como ter atitudes cidadãs, de maneira a contribuir para a eliminação de barreiras atitudinais contra as PcD.

A pergunta estímulo, a se fazer aqui pode ser: **E você, o que faria?**

Dessa forma, cada pessoa pode demonstrar o que aprendeu sobre a necessidade de conscientização acerca dos prejuízos sociais causados por atitudes discriminatórias.

Se a atividade for ministrada na modalidade presencial, a sugestão é semelhante à da atividade a distância. O diferencial na atividade presencial será a socialização em tempo real e presencial (a redundância aqui se faz necessária).

Os participantes terão a possibilidade de exercitar a alteridade, representando situações reais ou hipotéticas de situações de preconceito no cotidiano do contexto acadêmico, conforme segue explanação abaixo:

No contexto de aulas na modalidade de Ensino presencial:

Propor a prévia leitura do presente livro para após realizarem o exercício prático:

1. Em duplas - identificar duas situações diferentes, percebidas como barreiras atitudinais, as quais ferem os direitos de pessoas com deficiência no cotidiano do contexto acadêmico.

2. Exercitando a **ALTERIDADE**: Após identificar as duas situações, realizar o exercício prático. O exercício é para todos e cada um. O participante deve realizar o exercício de se colocar no lugar de uma pessoa com deficiência – PcD, para que possa vivenciar a(s) dificuldade(s) da limitação que o meio lhe impõe, e não da deficiência em si.

3. Então colocar em debate a seguinte questão: a partir dessas vivências, que barreiras atitudinais podem ser derrubadas para que outras dimensões de acessibilidade possam ser percebidas na instituição, referente a tudo que envolva não somente o Ensino pedagógico, mas ainda, os valores próprios de uma Educação cidadã, portanto, naturalmente inclusiva?

Lembre-se!

No livro está exposto que a deficiência está no meio social (nos ambientes) e não na pessoa.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 03 jul. 2018.

_____. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 07 jul. 2018.

_____. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de Área – Ensino/CAPEs**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: http://capes.gov.br/images/documentos/documentos_de_area_2017/documento_area_ensino.pdf. Acesso em: 07 jul. 2018.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, M. L.; JABLONSKI, E. B. 1933. **Psicologia Social**. Aroldo Rodrigues. 27. ed. revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RODRIGUES, D. (org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

_____, D. **Pensar utopicamente a educação**: David Rodrigues at TEDxLisboaED, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch>. Acesso em: 02 mar. 2019.

SASSAKI, R. K. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão [Parte 1]. **Revista Nacional de Reabilitação**. São Paulo, ano X, nº 57, jul./ago. 2007, p. 8-16.

_____, R. K. **As sete dimensões da acessibilidade**. Texto apresentado em palestra ministrada na Câmara Técnica de Acessibilidade, da Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Curitiba-PR, 2014.

SKLIAR, C. A inclusão que é nossa e a diferença que é do outro: sobre os argumentos da pedagogia e as suas aparentes e permanentes mudanças (p. 13-33). In: RODRIGUES, D. (org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas, V. **Fundamentos de defectologia**. Tradução: Julio Guillermo Blank. Madrid: Visor, 1997. Título original: Sobranie Sochinenii Tom Piatii Osnovi Defektologii. Moscú: Editorial Pedagógica, 1983.

Notas de Fim

- i Naquela época as pessoas eram chamadas de deficientes. Atualmente, o correto é dizer “pessoa com deficiência”, e a sigla é “PcD”.
- ii Para Rodrigues (2014) cada vez que lemos livros sobre Educação, que investigamos sobre Educação, constatamos que existe uma infinidade de coisas que funcionam em Educação e que não são comumente usadas, por serem classificadas como “métodos alternativos”. Como exemplo o autor citou a dramatização, os métodos ativos e o trabalho em grupo. E nós acrescentamos a Educação via redes sociais, aulas didáticas com tecnologia 3D, abordagem de fatos históricos, por meio da dança e do canto, dentre tantos outros. Por fim o autor indaga: “Há tanta coisa que funciona e que classificamos como alternativa”. Por que não usamos mais métodos dessa educação alternativa? (RODRIGUES, 2014).
- iii Em sua obra de 1997, Sasaki usa o termo “necessidades especiais”, porém, de acordo com a literatura atual, o termo adequado é “necessidades específicas”.

